

Apropriação do signo Deus em discursos de posse presidenciais

Appropriation of the sign God in presidential inaugural speeches

Elias Coelho da Silva ¹

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento ²

RESUMO

A noção de signo na perspectiva de Bakhtin e do Círculo apresenta um significativo potencial analítico. Neste estudo, essa noção é mobilizada para compreender sentidos produzidos pela apropriação do signo Deus em discursos de posse de presidentes do Brasil, especificamente Jair Messias Bolsonaro (JB-19) e Luiz Inácio Lula da Silva (Lula-03, Lula-07, Lula-23). A investigação aprofunda questões que colocam em relação os discursos de posse e seus sentidos decorrentes do ato da apropriação do signo Deus, considerando aspectos extraverbais, como a situação sócio-político-ideológica do País. A análise revela diferentes valorações da apropriação desse signo, que decorrem dos contextos que instauram os enunciados. Também revela que Deus é arena de relações dialógicas conflituosas. Além disso, mostra intenções dos discursos no ato de apropriação, seja pela imposição do signo Deus sobre outros signos, seja pela construção da imagem de um Deus benevolente e democrático.

Palavras-chave: Apropriação do signo Deus. Discurso de posse presidencial. Construção de sentidos.

ABSTRACT

The notion of sign from the perspective of Bakhtin and the Circle has significant analytical potential. In this study, this notion is mobilized to understand the meanings produced by the appropriation of the sign God in speeches held by presidents of Brazil, specifically Jair Messias Bolsonaro (JB-19) and Luiz Inácio Lula da Silva (Lula-03, Lula-07, Lula-23). The research deepens questions that relate the presidential inaugural speeches of possession and their effects of meanings resulting from the act of appropriation of the sign God, considering extraverbal aspects, such as the socio-political-ideological situation of the country. The analysis reveals different valuations of the appropriation of this sign, that arise from the contexts that establish the statements. It also reveals that God is an arena of conflicting dialogical relations. In addition, it shows intentions of discourses in the act of appropriation, either by imposing the sign God on other signs, or by building the image of a benevolent and democratic God.

Keywords: Appropriation of the sign God. Presidential inaugural speeches. Construction of meanings.

¹ Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nazaré da Mata/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0177-6877>. E-mail: coelho.8@hotmail.com.

² Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Caicó/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3654-614X>. E-mail: ilderlandio.nascimento@ufrn.br.

1 INTRODUÇÃO

A noção de signo é fundamental para a compreensão de realidades sócio-discursivas. Volóchinov ([1930] 2017) argumenta que o signo é o aspecto material da ideologia e também uma parte da realidade. O signo se materializa “[...] no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante” (Volóchinov, [1930] 2017, p. 94). Ao discorrer acerca desse aspecto dos signos, Medviédev (2016) também argumenta que eles se tornam parte da realidade “[...] quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado” (Medviédev, 2016, p. 49). Com essa concepção de signo e assumindo o pressuposto de que a sociedade ocidental é fortemente influenciada pela cultura religiosa judaico-cristã, Deus, juntamente com outros signos do campo religioso cristão, enquanto signo concreto, pode ser apropriado por discursos diversos e com valorações diversas, como é o caso de discursos de posse presidenciais.

O discurso de posse presidencial segue um rigoroso rito protocolar, pois é o momento de transferência nominal de poderes institucionais. Após a vitória nas urnas e diplomado pelo Tribunal Superior Eleitoral, o presidente-eleito é considerado habilitado para comparecer diante dos representantes da população, que, no caso, é o Congresso Nacional. Em Brasília, fazem parte do rito de posse: (a) cerimônia com cortejo pela Esplanada dos Ministérios, em direção ao Palácio do Congresso; (b) execução do hino nacional pela Banda dos Fuzileiros Navais; e (c) prestar compromisso constitucional. Ao prestar compromisso constitucional, o presidente-eleito se compromete a “manter, defender e cumprir a Constituição, observar as leis, promover o bem geral do povo brasileiro, sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil” (Constituição Federal do Brasil, 1988, art. 78). Logo em seguida, o presidente empossado faz um discurso, que é o seu primeiro discurso na condição/posição de líder do poder executivo.

Nesse primeiro discurso, o presidente se dirige aos representantes do povo, aos presentes na cerimônia e à nação. Estudos evidenciam a importância desse primeiro discurso no âmbito da vida democrática de uma nação, ressaltando seu valor sócio-político-ideológico (Costa, 2015; Sousa, 2021; Carvalho & Paiva, 2022; Cruz, 2020). Considerando esse valor sócio-político-ideológico (e também simbólico) do discurso de posse, analisaremos discursos de Jair Messias Bolsonaro (JB-19), que foi eleito o 38º presidente do Brasil e chegou à Presidência pelo Partido Social Liberal (PSL), sendo que sua posse ocorreu no dia 1º de janeiro de 2019; e de Luiz Inácio Lula da Silva (LULA-03, LULA-07, LULA-23), que chegou ao seu terceiro mandato pelo Partido dos Trabalhadores (PT). A última posse de Lula, para o seu terceiro mandato, como 39º presidente do Brasil, ocorreu no dia 1º de janeiro de 2023.

Quanto à metodologia, com base no procedimento, usamos o método documental, uma vez que o material analisado é composto por documentos oficiais sem tratamento analítico prévio (Severino, 2017). Quanto à abordagem, esta é uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativista sob a perspectiva do cotejo (Miotello, 2019). Em outras palavras, partimos do princípio de que uma análise dialógica deve colocar os signos em relação. Isso implica em interpretar um enunciado a partir de outro enunciado.

Nas palavras de Miotello (2019, p. 225), “então, digamos, um caminho metodológico seria o caminho do cotejo, eu vou colocar uma coisa diante da outra, vou colocar uma voz diante da outra, eu vou colocar um texto diante do outro, eu vou

compreender um texto com outro texto, não é aquele próprio texto olhando para ele, mas é ele na relação com o outro”.

Nesta investigação, procuramos compreender sentidos produzidos no ato de apropriação do signo *Deus* pelos discursos de posse dos referidos presidentes. Assim, procuraremos responder às seguintes questões: (i) o uso do signo Deus nos discursos de posse presidenciais de Lula e Bolsonaro dialogam entre si? Se sim, (ii) que relações dialógicas instauram?

Para compreender os sentidos produzidos a partir da apropriação do signo *Deus* nos discursos, mobilizamos a perspectiva de estudos enunciativos advinda dos escritos de Bakhtin e do Círculo. Assim, discutiremos, num primeiro momento, a noção de signo na perspectiva bakhtiniana, focalizando, especificamente, o signo *Deus*. Em seguida, analisaremos as relações dialógicas que são instauradas nos discursos de posse presidenciais a partir da apropriação desse signo. Por fim, nas considerações finais, destacaremos alguns pontos relevantes do estudo.

2 O SIGNO AXIOLÓGICO DEUS

Embora dialogismo seja o termo que melhor represente a perspectiva de Bakhtin e o Círculo, a noção de diálogo aí não se diferenciaria de outras tendências caso não fosse preenchida por uma extensa teoria da axiologia que aparece desde os textos iniciais em 1920³ e vai se desdobrando nos escritos dos pensadores. Nestes termos, uma abordagem dialógica do discurso deve pressupor a centralidade das relações valoradas entre sujeitos.

Em sua discussão sobre a *Ciência das Ideologia e a Filosofia da Linguagem*, Volóchinov ([1930] 2017) faz uma breve, mas detalhada, explicação sobre a relação entre o signo e a realidade. Para ele, todo produto ideológico é um signo que, ao mesmo tempo, reflete e refrata uma determinada realidade. Isso implica ao menos duas formas de o homem produzir o mundo em que vive: uma material e uma imaterial. Ambas participam do que comumente chamamos de cultura. De toda forma, só o que se torna signo pode estabelecer sentido e expandir seu funcionamento para além de si. Como aquela parte da cultura que possibilita a produção de sentido, o signo é o meio pelo qual o homem se orienta no mundo, posto que, para a humanidade, o mundo é um mundo de sentidos. Fora disso, há apenas a desorientação.

Nessa linha, é interessante mencionar o curioso caso dos nômades Achilpa, relatado por Eliade (2010). Tal povo acreditava que seu deus, após a criação do mundo, subiu aos céus por um poste de madeira, que se tornou um objeto sagrado. Apesar de nômade, esse povo levava o poste aonde ia, pois significava para eles o centro do mundo, seu lugar sagrado e sua referência no cosmo. Em um certo momento, o poste foi quebrado fazendo com que eles perdessem a referência espacial e, portanto, seu sentido de vida. Após isso, andaram desorientados em torno do local até se sentarem e aguardarem a morte. Esse é um caso extremo, mas que ajuda a explicar o quanto o homem é movido pelos sentidos que ele próprio dá ao mundo por meio de signos.

Nas palavras de Volóchinov ([1930] 2017), todo produto da cultura pode vir a ser um signo, isto é, pode representar ou substituir algo exterior. É o caso do pão e do vinho, no

³ Em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, ao comentar o ato singular do sujeito em contraposição ao pensamento teórico, Bakhtin (1920 [2012], p. 45) dirá que “a valorização do significado do juízo constitui um momento necessário na efetivação do ato”. Em outras palavras, até mesmo no momento exato em que o sujeito pensa sobre algo, alguém ou algum enunciado, já o faz precedido de um julgamento de valor.

cristianismo; da Foice e do Martelo, no Comunismo; das cores, no semáforo; do poste de madeira dos Achilpa e, evidentemente, da palavra. Logo, há um mundo das coisas ao lado do mundo dos signos. Sendo que este tem por natureza não apenas refletir, mas também refratar uma outra realidade, "[...] sendo, por isso mesmo, capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante" (Volóchinov, [1930] 2017, p. 93).

No conjunto dos signos ideológicos, Volóchinov ([1930] 2017) dá ao signo verbal um lugar de destaque. Segundo ele, apenas a palavra congrega quatro características que dão a ela a capacidade de permear todos os campos ideológicos, quais sejam: a neutralidade, a necessária presença na comunicação cotidiana, a capacidade de ser palavra interior e a obrigatoriedade de "[...] sua presença como fenômeno concomitante em qualquer ato ideológico consciente" (Volóchinov, [1930] 2017, p. 101).

Diferentemente de outros signos, a palavra não tem uma especialidade, isto é, não é um signo criado dentro de um campo específico da cultura, como as fórmulas matemáticas, por exemplo. Pelo contrário, a própria matemática utiliza a língua como um signo também seu. Nesse caso, a linguagem funciona como um signo auxiliar à ciência. Assim também ocorre em outros campos - todos fazem uso da linguagem e nenhum pode deixar de se valer dela. Nesse caso, ela funciona como um signo neutro que deve ser preenchido de acordo com o mundo ideológico do campo da cultura. Exatamente por sua neutralidade, ao se constituir como palavra, um signo passa a ser um objeto ideológico flexível e aberto, que, mesmo nascendo em determinado campo, estará sempre à disposição de outros.

Para Bakhtin (2011), a neutralidade faz com que a palavra possa ser sempre um objeto de posse entre os sujeitos. Assim, uma mesma expressão pode ora ser signo meu, ora signo do outro. Quando minha, a palavra pode sempre obedecer a uma certa identidade ideológica, no sentido de que o sujeito sempre a enforma em um dado contexto que corresponde a determinados valores de sua sociedade ou de seu grupo social mais próximo.

Ademais, cabe sublinhar que não há neutralidade na passagem de um signo de um campo para outro campo de atividade, mas uma apropriação valorada. Os valores, portanto, são os gerenciadores de sentido ideológico do signo. Por esse motivo, os diferentes grupos sociais estão sempre disputando o domínio dos signos que representam tais valores. Na sociedade ocidental, *Deus* é, provavelmente, um dos signos ideológicos mais valiosos. Por esse motivo, é muito comum o uso desse signo no campo jurídico, pedagógico, científico, político e cotidiano, embora ele seja originário do campo de atividade religiosa judaico-cristã. Normalmente, em sociedades como a nossa, o uso do signo concreto *Deus* encontra ecos pacíficos, mas quando entra na arena de conflitos, isto é, quando passa a ser objeto de disputa, explicitá-lo ou apagá-lo no discurso torna-se um movimento estratégico contra o outro-adversário.

Por outro lado, se *Deus* é um signo concreto da ideologia religiosa cristã e esta se encontra em luta com outras ideologias, pressupõe-se que haja outros signos que disputam com ele o lugar da hegemonia. Como alerta Volóchinov ([1930] 2017, p.113), "[...] em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionais. O signo transforma-se no palco de lutas de classes". Acerca do signo dominante, diz o autor: "[...] na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje" (Volóchinov, [1930] 2017, p.113).

Ainda, acerca do signo *Deus*, Bakhtin (2015), discutindo o peso do ser falante na palavra e no pensamento religioso (mitológico, místico, mágico), entende que “[...] o objeto principal dessa palavra é o ser falante: a divindade, o demônio, o adivinho, o profeta” (Bakhtin, 2015, p. 146). Inferimos, assim, que o peso autoritativo do discurso religioso estaria no fato de ser atribuído a uma divindade, a um profeta etc. Contudo, se o aspecto autoritário é característico do signo *Deus* no discurso religioso, em outros domínios, a apropriação desse signo pode ocorrer com outras valorações, ou seja, não valorado como o legislador e/ou autoridade inquestionável do dizer.

A apropriação do signo *Deus* com valorações diferentes daquelas presentes no domínio do discurso religioso pode ser inferida da discussão que é tecida no texto *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (Bakhtin, 2013). Nesse escrito, Bakhtin (2013, p. 73) comenta, por exemplo, que “[...] a paródia da Idade Média converte num jogo alegre e totalmente desenfreado tudo o que é sagrado e importante aos olhos da ideologia oficial”. Nesse mesmo texto, Bakhtin (2013) corrobora o entendimento de que signos do domínio religioso são valorados, revestidos, na construção discursiva de outros campos da atividade humana. O trecho a seguir aponta nessa direção: “Não havia nenhum texto ou sentença do Velho ou do Novo Testamento de que não se tivesse tirado pelo menos uma alusão ou uma ambiguidade suscetível de ser ‘mascarada’, travestida, traduzida na linguagem do ‘baixo’ material e corporal” (Bakhtin, 2013, p. 74).

Ademais, cabe destacar que, numa sociedade marcadamente religiosa, *Deus* aparece como um *supradestinatório* relevante (Bakhtin, 2011b). O supradestinatório de um enunciado depende da época, da concepção de mundo, das ideologias, do domínio enunciativo, do gênero do discurso. O supradestinatório (também denominado “o terceiro”) é compreendido a partir da natureza da palavra, sendo, portanto, constitutivo do enunciado. Segundo Bakhtin (2011b, p. 333), “o supradestinatório e sua compreensão responsiva idealmente verdadeira ganham diferentes expressões ideológicas concretas (*Deus*, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, etc.)”. Como se nota, são os fatores situacionais, históricos, ideológicos e discursivos atravessados axiologicamente que interferem constitutivamente na marcação concreta desse supradestinatório.

Essa perspectiva de análise de discurso direciona para a possibilidade de investigarmos a apropriação do signo *Deus* (um supradestinatório no discurso político?), que advém do campo religioso, na construção de sentidos dos discursos de posse de presidentes, que se inserem no campo político.

3 O SIGNO DEUS EM DISCURSOS DE POSSE PRESIDENCIAIS: APROPRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Nesta seção, primeiro, analisaremos o discurso de posse de Jair Messias Bolsonaro (JB-19) e, logo depois, os discursos de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula-03, Lula-07, Lula-23), com o objetivo de compreender sentidos produzidos no ato de apropriação do signo *Deus*, sempre a partir da perspectiva do cotejo, como mencionado acima.

3.1 Deus no discurso de posse de Jair Messias Bolsonaro (JB-19)

O discurso de posse de Jair Messias Bolsonaro (JB-19) ocorreu no dia 1º de janeiro de 2019, no Congresso Nacional. Após a saudação inicial, o discurso materializa uma evocação a Deus: "Obrigado, meu Deus!". Fora essa, aparece apenas mais um vocativo, na parte final do discurso: "Senhoras e senhores Congressistas". A existência de poucos vocativos faz com que o discurso de posse de JB-19 ganhe certo efeito de distanciamento em relação aos interlocutores, importante para instaurar o envolvimento, proximidade, contato, empatia.

Podemos destacar alguns pontos centrais do discurso, que, na maioria das ocorrências, não são aprofundados, cabendo ao interlocutor fazer inferências. Vejamos:

- (i) faz um aceno aos deputados;
- (ii) menciona o nome da esposa (Michelle) e que a conheceu na Câmara;
- (iii) faz referência ao atentado contra sua vida em Juiz de Fora (MG);
- (iv) destaca sua volta à Câmara não mais como deputado, mas como Presidente e fortalecido;
- (v) acena ao Congresso para aprovar reformas;
- (v) menciona algumas promessas de campanha, como: acabar com a corrupção, com a criminalidade, com a submissão ideológica, valorizar a família, respeitar a tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservar valores;
- (vi) retoma mote da campanha: menos Brasília, mais Brasil;
- (vii) retoma slogan da campanha: Brasil acima de tudo e Deus acima de todos;
- (ix) faz alusão às reações populares diante do atentado em Juiz de Fora;
- (x) responde acusação alegando que não vai perseguir minorias;
- (xi) faz referência ao Escola Sem Partido, argumentando que a escola deve preparar para o mercado de trabalho e não para militância política;
- (xii) reafirma a agenda de facilitação para posse e porte de armas, sob a alegação do direito à legítima defesa;
- (xiii) faz menção à defesa do excludente de ilicitude, sob pretexto de que isso vai dar respaldo para os policiais realizarem seu trabalho;
- (xiv) elogia as forças armadas;
- (xvi) cita mudanças na forma de compor o ministério (forma técnica);
- (xvii) menciona a pauta liberal de Paulo Guedes (livre mercado, eficiência);
- (xviii) promete reformas estruturantes;
- (xix) faz aceno à bancada ruralista, sua forte aliada;
- (xx) responde a possíveis críticas de que seu governo será marcado pelo autoritarismo;
- (xxi) critica mandatos anteriores (referência implícita ao PT);
- (xxii) promete tornar o Brasil uma grande nação.

Esses pontos (e outros menos centrais) estão marcados no discurso, que apresenta 6 (seis) referências ao signo axi(dia)lógico Deus. As duas primeiras materializações do signo Deus criam, antes de tudo, uma imagem do próprio sujeito enunciador. Vejamos as ocorrências:

Primeiro, quero agradecer a Deus por estar vivo. Que, pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora, operaram um verdadeiro milagre. Obrigado, meu Deus! (BOLSONARO. Congresso Nacional, 2019).

Nesse trecho, JB-19 se apresenta como aquele que está vivo porque Deus fez um milagre⁴. Como se nota, a apropriação do signo Deus instaura o sentido de que os saberes da medicina – representados por meio da expressão “mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora”, que é uma referência aos profissionais médicos – estão no domínio de Deus. Assim, Deus é aquele que usa os profissionais da Santa Casa para salvar JB-19.

Esses sentidos instaurados a partir da apropriação do signo ideológico Deus também erige uma espécie de jornada do salvador. Estaria aqui o diálogo com as narrativas de heróis que sofrem, padecem, se sacrificam pelos outros, mas renascem – como que da morte para a vida – para executar vitória sobre os inimigos, numa missão especial. Esses sentidos apontam, retomam, no grande tempo, a própria narrativa em torno da figura de Jesus Cristo. No discurso de posse, JB-19 “está vivo”.

Os sentidos dessa apropriação inicial darão o tom do discurso, pois aquele que renasceu como obra de milagre, que “está vivo”, tem “a missão de governar o Brasil”, conforme contexto da terceira materialização do signo Deus:

Hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente agradecido a Deus, pela minha vida, e aos brasileiros, que confiaram a mim a honrosa missão de governar o Brasil, neste período de grandes desafios e, ao mesmo tempo, de enorme esperança. Governar com vocês. (BOLSONARO. Congresso Nacional, 2019).

Mais à frente, JB-19 utiliza a expressão “volta como Presidente”. Essa volta é valorada como algo advindo do que denomina “vontade soberana do povo brasileiro”, estando atrelada a um milagre, pois é “agradecido a Deus, pela [minha] vida”. Como alguém que venceu a morte, ele volta “fortalecido” para libertar o povo da “corrupção, criminalidade, irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica”.

Nesse segmento do enunciado, há um discurso que dialoga com o contexto mais próximo. Vale lembrar que JB-19 foi eleito em um momento em que o Brasil passava por uma forte crise política e econômica: casos de corrupção nas empresas estatais⁵; Operação Lava Jato⁶; processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff⁷, em 2016, assumido o cargo o então vice-presidente Michel Temer; prisão de Lula⁸. Esses acontecimentos antecederam e foram importantes para criar um cenário favorável ao discurso de posse de JB-19.

Aproveitando esse cenário, no discurso de posse, as estruturas socioideológicas mobilizadas colocam JB-19 como aquele que Deus trouxe de volta para *libertar, erguer,*

⁴ Uma referência ao fato de ter sido esfaqueado em Juiz de Fora (MG), na tarde do dia 6 de setembro de 2018, e operado por médicos da Santa Casa de Misericórdia da cidade. Fonte: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>.

⁵ Pelo menos oito estatais federais e 12 fundos de pensão brasileiros foram alvos de operações policiais contra a corrupção nas últimas duas décadas. Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/antes-da-lei-das-estatais-empresas-viviam-rotina-de-corupcao/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

⁶ A Operação Lava Jato, uma das maiores iniciativas de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história recente do Brasil, teve início em março de 2014. Fonte: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 29 ago. 2023.

⁷ O processo de impeachment de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal. Com uma duração de 273 dias, o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 29 ago. 2023.

⁸ Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi preso em 7 de abril de 2018 e libertado após 580 dias de detenção na carceragem da Polícia Federal (PF), em Curitiba. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/especiais/acompanhe-as-movimentacoes-para-libertacao-de-lula-apos-decisao-do-stf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

salvar a nação. Ele teria, assim, sua “missão” dada por Deus. Com isso, a apropriação do signo Deus é feita para criar um sentido de que JB-19 é o presidente eleito por Deus para uma missão. O discurso apresenta o mandato como “missão” e Bolsonaro como o “líder escolhido” para tal missão. Portanto, ele apela para a religiosidade de grande parte do eleitorado brasileiro, como também senadores e deputados que compõem a chamada “bancada evangélica”.

Mas também se realiza em tom de ameaça, pois aquele que volta como obra de um “milagre” está “fortalecido” e agora é o libertador que vai “restaurar” e “reerguer nossa Pátria, libertando-a”. Há, desse modo, a reafirmação de uma oposição binária, que se manifesta entre um “nós” e um “eles”. “Eles”, os outros, aparecem revestidos/englobados/rotulados/valorados na expressão “submissão ideológica” e, mais a frente, como “as religiões” e “inimigos da Pátria, da ordem e da liberdade”. Como esse “eles” é inimigo da Pátria, da civilização, do patriota, do cidadão de bem, precisa ser eliminado. Esses sentidos estão penetrados no dizer, mas emergem na superfície do enunciado, estão ancorados – não apenas, mas também – na apropriação que se faz do signo ideológico Deus.

Ademais, a apropriação do signo Deus provoca um processo de monologização em relação às manifestações religiosas diferentes, pois o discurso de posse delimita, especifica: Deus é o Deus da “tradição judaico-cristã”, que é valorada por JB-19 como “nossa tradição judaico-cristã”, não dando espaço para que se evidencie a voz do outro:

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. (BOLSONARO. Congresso Nacional, 2019).

A apropriação ao signo Deus está pressuposta na referência que é feita a “tradição judaico-cristã”, que é mencionada na convocação a “unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões”. Como se percebe, nessa cosmovisão, há uma valoração que coloca, de um lado, “as religiões” e, do outro, “a nossa tradição judaico-cristã”, que não é relativizada, mas valorada como uma religião à parte e que se sobressai em relação às outras. Por outro lado, a expressão “As religiões” aponta para o genérico, a relativização, aquilo que é praticado pelo outro, que não é dos “nossos”; já a “nossa tradição judaico-cristã” direciona os sentidos para aquilo que é correto, bom, civilizado, praticada pelos que fazem o bem, por “nós” (o presidente e seus eleitores).

Cabe pontuar que esse discurso já sinalizava o que seria uma das pautas frequentes durante o governo de JB-19, a saber, a temática religiosa, mais precisamente discursos contra outras manifestações religiosas. As religiões de matriz africana foram as que mais sofreram ataques. Na corrida eleitoral de 2022, notícias reverberaram o tom de “guerra santa” que tomou conta da campanha eleitoral, desembocando em manifestações de intolerância religiosa, propaganda de ódio⁹, atingindo outros credos e ideologias.

Assim, no trecho em destaque, JB-19 faz um aceno aos eleitores evangélicos – fundamentais para a vitória na campanha de 2018¹⁰–, e à base política conservadora e evangélica. Ele faz um chamado a “valorizar a família”, a “combater a ideologia de

⁹ “Guerra santa” e a pregação do ódio religioso como principal ingrediente da campanha presidencial. Fonte: <https://istoe.com.br/a-guerra-santa/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

¹⁰ Voto evangélico foi fundamental para a eleição de Bolsonaro, conforme pesquisas. Fonte: <https://religioepoder.org.br/artigo/iser-divulga-resultados-da-pesquisa-sobre-candidaturas-com-identidade-religiosa-nas-eleicoes-municipais-de-2020/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

gênero", "*conservando nossos valores*". Essa pauta conservadora comumente se apropria do signo *Deus*, visando apoio de interlocutores, justificativas, ancoragens.

Interessante notar que, no discurso, JB-19 se propõe a fazer um governo não ideológico. Ele chama os Congressistas a ajudarem na missão de restaurar e de reerguer a Pátria, libertando-a da "*submissão ideológica*". Ele chama para "*combater ideologia de gênero*", para livrar o Brasil "*das amarras ideológicas*". Também diz que no setor econômico, na relação com o comércio internacional, as relações serão "*sem o viés ideológico*". No entanto, embora esse não seja o nosso foco principal, podemos constatar que a cosmovisão apresentada é constituída por ideologias, como neoliberalismo econômico, fundamentalismo religioso, armamentismo etc.

Sem considerar a pluralidade religiosa do Brasil, JB-19 apresenta uma construção de sentidos que coloca *Deus* "*acima de todos*". Vejamos, assim, a quarta ocorrência/materialização do signo *Deus*:

Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. (BOLSONARO. Congresso Nacional, 2019).

Nesse ponto do discurso, JB-19 retoma o slogan utilizado durante a campanha: "*Brasil acima de tudo e Deus acima de todos*". *Deus* é colocado, no discurso de posse, acima de todos. É uma apropriação do signo *Deus*, que, por um lado, tenta impor uma ideologia, na qual *Deus* está a serviço da vontade política do enunciador; por outro lado, diferente de outras apropriações, como as do discurso religioso, na qual, comumente, *Deus* é aquele transcendente, exotopicamente outro.

Na quinta materialização do signo *Deus*, JB-19 retoma a imagem da missão, colocando-se como aquele que vai conduzir a nação para um destino de glórias. *Deus* é mobilizado como aquele que vai tornar isso possível:

Com a benção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos. (BOLSONARO. Congresso Nacional, 2019).

Nessa apropriação, *Deus* é o outro, o que abençoa, que possibilita o trabalho do Presidente. Podemos dizer que *Deus*, nesse discurso, é um supradestinatório, não um supradestinatório dado, mas construído enunciativamente com valorações político-ideológicas. O supradestinatório de um enunciado depende da época, da concepção de mundo, das ideologias, do domínio enunciativo, do gênero do discurso (Bakhtin, 2011b). No caso em análise, trazer esse supradestinatório para o discurso é buscar acordos, inflamar militância, agradar lideranças religiosas, criar uma imagem de escolhido e abençoado pela divindade, justificar práticas (mesmo as/principalmente) autoritárias.

A apropriação autoritária perpassa o discurso de posse. Ao concluir, JB-19 retoma o bordão da campanha:

Muito obrigado a todos vocês. Brasil acima de tudo! Deus acima de todos! (BOLSONARO. Congresso Nacional, 2019).

A materialização do signo ideológico *Deus*, nesta sexta ocorrência, precisa ser entendida no âmbito do discurso político feito pelo presidente empossado, ou seja, no movimento discursivo que pretende colocar *Deus* acima de todos. Portanto, como se trata

de uma apropriação, essa presença de *Deus* é enviesada, revestida, valorada, servindo ao discurso político.

Assim, cabe ressaltar que não estamos diante de um acontecimento religioso, mas de um acontecimento político. De acordo com Bakhtin (2011a, p. 20), no acontecimento religioso, “a outra consciência é a consciência englobante de Deus”, como é o caso de uma oração, um culto, um ritual. Ao se apropriar do signo *Deus*, o discurso de JB-19 dialoga com esse sentido do signo advindo do campo religioso. No entanto, esse signo é revestido com outras tonalidades ideológicas, servindo a práticas não religiosas.

Conforme discutido por Bakhtin (2011a, p. 52), no discurso religioso, Deus é *o-outro-para-mim* e, retomando o cristianismo, ele diz que “o *eu-para-mim* é o outro para Deus”. Enquanto *outro-para-mim*, no âmbito religioso cristão, Deus é “como o pai celestial que está *acima de mim* e pode me absolver e perdoar onde eu, por princípio, não posso me absolver e perdoar de dentro de mim mesmo e permanecer puro comigo mesmo” (Bakhtin, 2011a, p. 52). Assim, no discurso religioso, a relação entre Deus e o *eu-para-mim* é subjetiva, é uma relação entre *eu-para-mim* e o Outro (Deus). Nessa relação, Deus está *acima de mim*. No entanto, o discurso de posse intenta impor uma outra relação, *Deus-para-todos*, numa apropriação valorada do signo *Deus*.

Essa apropriação vai reverberar nas práticas político-ideológicas do novo Presidente (JB-19), principalmente no tratamento que será dado às manifestações religiosas de matrizes afro-brasileiras e indígenas. Esse “*acima de todos*” fecha a possibilidade de aceitação do diferente, do outro. Ou seja, “*Deus acima de todos*” instaura, reforça, estimula um viés de intolerância religiosa no Brasil¹¹.

3.2 Deus nos discursos de posse de Luiz Inácio Lula da Silva

Como dito alhures, o signo *Deus* é objeto de apropriação de outros campos de atividade humana, mas a cada apropriação ele pode revelar facetas valorativas diferentes ou, ao menos, posições valorativas mais ou menos tensionadas. Isso implica, antes de tudo, que a cada momento histórico a cosmovisão religiosa de uma sociedade não apenas determina, mas pode ser determinada pelo poder dominante e seus conflitos.

No primeiro discurso de posse, em 2003 (doravante, Lula-03), o signo *Deus* aparece apenas duas vezes, ambos na conclusão. Em nenhuma das menções o signo surge de forma conflituosa, atrelada a alguma polêmica aberta em relação a outro signo.

No primeiro caso, o autor agradece pela vitória no pleito: “*Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei*”. Num país cuja cosmovisão judaico-cristã é a ideologia religiosa dominante, é comum que isso ocorra. Até por isso, a sequência discursiva é composta por um parágrafo introduzido com outra menção, agora em tons de súplica:

Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste país. (LULA, Congresso Nacional, 2003).

¹¹ O II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe, publicação organizada pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas e pelo Observatório das Liberdades Religiosas, com apoio da Representação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil, aponta aumento dos casos de intolerância religiosa no país. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-01/relatorio-aponta-aumento-de-casos-de-intolerancia-religiosa-no-pais#:~:text=O%20levantamento%20foi%20divulgado%20no,e%20966%20casos%20em%202021>. Acesso em: 29 ago. 2023.

Deus, naquela conjuntura político-econômica, não tinha tanta relevância política, pois o país estava mergulhado em uma crise econômica grave, com cerca de 12 milhões¹² de desempregados e um alto índice de fome. Essa situação rendeu 61,27% dos votos válidos ao candidato. Por isso mesmo, toda a oratória fora desenvolvida em torno da temática econômica e da fome, como no trecho “Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão”. Nesse caso, temos um signo quase-vazio, isto é, sem polêmica aparente. Seu uso é retórico e formulaico, equiparável à fórmula dos agradecimentos dos trabalhos de conclusão de curso “agradeço primeiramente a Deus...” ou às próprias fórmulas religiosas do tipo “agradeço por até aqui ter nos ajudado o Senhor”.

No discurso de 2007 (doravante Lula-07), há 5 menções ao signo *Deus*, que aparece como uma força superior que decide o destino dos homens, o que corresponde, em última instância, à ideia de “*Deus acima de todos*”, responsável pela chegada do candidato ao poder. Por isso, afirma que a vitória foi uma benção de Deus:

eu recebo isso como uma bênção de Deus, porque eu digo sempre que chegar onde eu cheguei, saindo de onde eu saí, eu só posso dizer que existe um ser superior que decide os destinos de cada um de nós e, por isso, eu estou aqui. (LULA. Congresso Nacional, 2007).

Vê-se também que a ideia de “*Deus acima de todos*” é pressuposta na afirmação valorada de que Ele é “*um ser superior que decide os destinos de cada um de nós*”, argumento comum no discurso do homem religioso que se constitui a partir do sentimento de criatura¹³ (Otto, 2021). Também há, aqui, um diálogo com a forma discursiva jornada do herói, explicitada na expressão “*chegar onde eu cheguei, saindo de onde eu saí*”. Nessa jornada, porém, o herói não determina sua trajetória, pois o destino dele é decidido por um “*ser superior*”. Em última instância, o efeito de sentido daí decorrente é o de que quem o elegeu como presidente foi *Deus*, uma vez que ele é quem “*decide o destino de cada um de nós*”, logo a vitória no pleito fora o destino o qual Deus havia escolhido para o candidato.

No restante do pronunciamento, esta é a tônica, recorrendo ao signo *Deus* como o responsável por tudo que ocorreu até o pleito:

Sou profundamente grato a essa convivência com meu companheiro José Alencar, meu vice-presidente da República. Este homem que, na minha opinião, também por obra de Deus, fez com que nós nos encontrássemos [...]; e quis Deus que um belo dia eu encontrasse o José Alencar em Belo Horizonte [...]; eu aprendi que, na sua sabedoria divina, Deus fez a gente com uma boca para falar menos e dois ouvidos para escutar mais, e isso falta um pouco na política nacional. (LULA. Congresso Nacional, 2007).

Inclusive nos agradecimentos, essa também é a tônica: “*obrigado, meu Deus, por vocês existirem e terem a compreensão que vocês têm[...]*”. O que justifica a escolha do signo *Deus* nesse momento é a efervescência religiosa do período, com o crescente número de igrejas protestantes pentecostais e neopentecostais. É nesse período que ocorre um aumento da bancada evangélica. Tanto assim que dois anos depois o presidente sanciona a lei que cria o Dia da Marcha para Jesus¹⁴.

¹² Ver Taxa de desemprego - Evolução dos Dados Econômicos no Brasil Evolução dos Dados Econômicos no Brasil (evolucadadosdadoeconomicos.com.br).

¹³ Segundo Otto (2021, p. 41), o homem religioso se diminui perante o sagrado, pois “Trata-se de um sentimento confesso de dependência” em relação a algo que é percebido como estando acima de toda natureza.

¹⁴ Lei nº 12.025, de 3 de setembro de 2009.

Portanto, no discurso de 2007, *Deus* já não é mais um signo com função formulaica, posto que é produto de uma força político-religiosa, a cristã-pentecostal - além da católica. Por isso mesmo, o discurso de posse é forçado a fazer um breve adendo:

Quero dizer para vocês que sou Presidente de todos, sem distinção de credo religioso, sem distinção de compromissos ideológicos. (LULA. Congresso Nacional, 2007).

Tomado como supremo e força motriz da retórica da posse, o signo *Deus* agora já não pode ser considerado como não polêmico, pelo contrário, permeia toda posição ideológica do presidente, provocando uma relação dialógica tensa, beirando o exclusivismo religioso, denunciado pelo posicionamento "*sem distinção de credo*". Ora, dialogicamente, todo discurso que enuncia uma negação é uma resposta a outros discursos que enunciam uma afirmação, logo só se explicita uma negação porque há uma afirmação pressuposta. E essa afirmação-resposta se manifesta implicitamente a cada reiteração ao signo *Deus* no discurso de posse.

O pronome "vocês" associado à expressão "*sem distinção de credo*" demarca a fronteira entre os cristãos e os não cristãos (vocês). "Vocês" são aqueles religiosos que não são contemplados ao longo do pronunciamento, mas compõem parte importante da massa eleitoral, que silenciosamente demarca uma posição valorada contrária ao conjunto do discurso de posse e o pronome (vocês) lança luz sobre essa parcela da população para que se sintam contemplados.

Dito isso, passemos ao discurso do terceiro mandato de Lula, em 01 de janeiro de 2023 (doravante, Lula-23). O contexto histórico recente foi marcado por uma polarização política intensa que desaguou em uma das eleições mais complexas desde a redemocratização. No centro do debate, a cosmovisão religiosa judaico-cristã, ao lado das fake news, determinou grande parte do tom dos mais variados temas, desde economia até saúde e educação; cristianismo x comunismo; chips com o número da besta nas vacinas etc. Em jogo, uma concepção de Deus x a oposição (esquerda, comunismo, progressismo).

Nesse contexto, o signo *Deus* ganha fortes contornos políticos e seu aparecimento no discurso de posse acabou por demarcar uma imagem diametralmente oposta à usada pelo candidato da oposição (Bolsonaro). O discurso de Lula-23 é dividido em dez partes, cada uma centrada em temáticas focais de seu governo. Entre uma parte e outra, há o uso de vocativos que se revezam entre *Senhoras e Senhores* e *Queridos amigos e amigas*. Sendo que a introdução é um tópico à parte, trazendo apenas agradecimentos ao povo brasileiro pela vitória no pleito, juramento de fidelidade à Constituição e crítica ao governo anterior, que é valorado como "um projeto autoritário de poder". Sua oposição a esse modelo de projeto dará tônica a seu discurso.

O primeiro aspecto a ser observado é a ausência/silenciamento do signo *Deus* ao longo do pronunciamento, muito diferente do Lula-07. Seu aparecimento é milimetricamente situado na conclusão do oitavo tópico, sobre Cultura e Direitos Humanos. Nesse ponto, o foco do discurso está na valorização da diferença e da diversidade. A posição axiológica é demarcada em oposição a tudo que normatiza, que homogeneiza. Isso fica evidente na afirmação de que "*Uma nação não se mede apenas por estatísticas, por mais impressionantes que sejam*". Isto é, embora valorize os números, o autor nega que esse recurso sirva como meio para avaliar ou medir o ser humano, posicionando-se a favor

de um governo que aceite a diversidade como a característica mais importante e íntima do brasileiro:

Assim como um ser humano, uma nação se expressa verdadeiramente pela alma de seu povo. A alma do Brasil reside na diversidade inigualável da nossa gente e das nossas manifestações culturais. (LULA. Congresso Nacional, 2023).

Tal posicionamento é reflexo e refração de um discurso amplamente reverberado pelas mais diversas mídias, especialmente aquelas que divulgavam a tensão entre os artistas e a política cultural desenvolvida pelo governo de JB-19, que extinguiu o Ministério da Cultura. Uma busca rápida na internet pelo tema cultura no governo Bolsonaro encontramos como primeiras indicações enunciados como “*Sem Ministério, as manifestações culturais e artísticas continuarão buscando seu espaço e sua autonomia*”¹⁵, “*moral religiosa para escolha de projetos a serem financiados*”¹⁶. Percebe-se, nesse ínterim, que as posições religiosas do governo JB-19 determinavam a forma de governar, e a cultura, em sua diversidade, sofria resistência de uma força centrípeta que tendia a moldar as diferentes manifestações de acordo com a imagem e semelhança (única) de sua vertente religiosa.

Por esse motivo, afirmar que “*a alma do Brasil reside na diversidade inigualável*” e nas “*manifestações culturais*” é uma contrapalavra, é contradizer não só um discurso, mas também uma ideologia e uma forma de fazer política. É uma reação valorada que afirma, implicitamente, que uma política que não valoriza a diversidade cultural do brasileiro acaba por esvaziar a própria identidade do povo, a sua “*alma*”. O próprio termo “*alma*” já impõe ao enunciado uma conotação religiosa, que reverberará mais à frente. Note-se que “*alma*” aqui está caracterizada como algo que tem uma morada, uma residência. Metaforicamente, a diversidade é descrita como o lugar onde há uma identificação, uma fixação da essência (alma) do povo.

O diálogo em consonância com as críticas de que JB-19 elegia projetos culturais de acordo com a crença religiosa aparece refratado na sequência do tópico quando afirma:

Uma política cultural democrática não pode temer a crítica nem eleger favoritos. Que brotem todas as flores e sejam colhidos todos os frutos da nossa criatividade. Que todos possam dela usufruir, sem censura nem discriminações. (LULA. Congresso Nacional, 2023)

Em “*eleger favoritos*” encontra-se condensada tal crítica, acentuando a ideia de que o fazer político anterior ao seu era um projeto autoritário e antidemocrático.

Toda essa construção linguístico-discursiva faz parte de um projeto discursivo do autor. Nesse projeto, o uso do signo Deus não poderia ressoar como superior, mas, democraticamente, lado a lado com outras perspectivas religiosas. Ao assumir uma posição axiológica diametralmente oposta ao governo de JB-19 de forma explícita, a apropriação política desse signo já não deve se resumir a uma fórmula de agradecimento, como em 2003, e nem superior e autoritária, como em 2007, mas compatível com a visão político-ideológica assumida no contexto sócio-político de 2023.

Nesse contexto, após fazer crítica à política armamentista, anti-minorias e contra as mulheres desenvolvida no governo de JB-19, Lula-23 conclui a discussão do tópico sobre cultura e direitos humanos com os seguintes dizeres:

¹⁵ Le Monde Diplomatique Brasil, abril de 2019.

¹⁶ Brasil de Fato Paraná, setembro de 2021.

Sob a proteção de Deus, inauguro este mandato reafirmando que no Brasil a fé pode estar presente em todas as moradas, nos diversos templos, igrejas e cultos. Neste país todos poderão exercer livremente sua religiosidade. (LULA. Congresso Nacional, 2023).

Vê-se que, aqui, Deus ocorre também como um supradestinatário, porém claramente democrático e tolera a fé alheia, afinal ele é instaurado com o sentido de protetor de um mandato que reafirma que o Brasil é um país tolerante às mais variadas formas de fé.

Além disso, a afirmação *"todos poderão exercer livremente sua religiosidade"* mantém relação dialógica com o artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) que determina: *"[...] toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DO DIREITOS HUMANOS, Art. 18).*

Ressalte-se que, apesar de iniciar com *"sob a proteção de Deus"*, o seguimento subsequente tem um peso valorativo maior, ele preenche todo projeto significativo do autor. Deus aparece funcionando como uma concessão, um adendo, tanto em termo semântico quanto sintático, enquanto o conteúdo com maior peso valorativo do enunciado está na oração principal. Conteúdo esse que aponta para a Declaração Universal dos Direitos Humanos como o supradestinatário do enunciado. Se tal posição aceita o projeto de que *"a fé pode estar presente em todas as moradas"* e que essa *"fé"* corresponde à crença de diferentes religiosidades, logo o signo Deus está contido nos direitos humanos ao lado de outras crenças/deuses. Assim, diferentemente de JB-19, o signo Deus, ao invés de aparecer acima de todos, encontra-se no meio das outras crenças, aprovando e protegendo, segundo Lula-23, o mandato que tem como pilar axiológico a aceitação e valorização da diversidade religiosa.

É sintomático que esse tópico do pronunciamento seja concluído com a afirmação *"Neste país todos poderão exercer livremente sua religiosidade"*. Ao apontar para o futuro, o autor deixa marcada a pressuposição de que, até aquele momento, há uma repressão religiosa no país, determinada pelo "projeto autoritário" que se propõe combater.

Na conclusão do discurso de posse, o signo Deus retorna como aquele que abençoa e, portanto, apoia as ideias do Presidente:

Minha mais importante missão, a partir de hoje, será honrar a confiança recebida e corresponder às esperanças de um povo sofrido, que jamais perdeu a fé no futuro nem em sua capacidade de superar os desafios. Com a força do povo e as bênçãos de Deus, haveremos de reconstruir este país. Viva a democracia! Viva o povo brasileiro! Muito obrigado. (LULA. Congresso Nacional, 2023).

Nesse ponto, o povo aparece como supradestinatário ao lado de Deus e a democracia como valor intrínseco. Evidencie-se que as bênçãos de Deus são somadas à força do povo, ambos são postos lado a lado como impulsionadores do que Lula-23 chama de *"reconstruir o país"*, subentendendo que inicia um mandato de *"terra arrasada"*. Essa conclusão a que ele chega é toda preparada por um conjunto de termos de caráter religioso *"missão"*, *"esperança"* e *"fé"*. E aqui ele se coloca também em uma jornada do herói. Sua *"missão"* é lutar contra a destruição causada pelo projeto do inimigo, carregando consigo a força do povo e a bênção de um Deus democrático em direção a um futuro melhor, em relação ao qual o povo não perdeu a *"fé"*.

Por fim, o signo *Deus*, como ao longo de todo o pronunciamento de Lula-23, é novamente silenciado para dar lugar à exaltação daquilo que foi a tônica expressiva de todo seu discurso, a saber, a democracia e o povo brasileiro: “*Viva a democracia! Viva o povo brasileiro!*”. Nesses termos, em 2023, tanto quando explicita como quando apaga o signo *Deus*, o presidente Lula se posiciona axiologicamente oposto em relação à visão de governo de JB-19, seja pela rejeição em projetar uma predominância da imagem judaico-cristã sobre as outras religiões, seja pela explicitação da imagem de um *Deus* que convive e aceita pacificamente outras formas de religiosidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos os discursos de posse dos Presidentes Jair Messias Bolsonaro e de Luiz Inácio Lula da Silva, com o objetivo de compreender sentidos produzidos no ato de apropriação do signo *Deus*. A análise mostrou sentidos construídos a partir da apropriação do signo *Deus* nos discursos, ressaltando a dialogicidade, embates polêmicos e, principalmente, como as apropriações foram feitas em decorrência de fatores situacionais, bem como suas reverberações no contexto sócio-político-ideológico do país.

O discurso de JB-19, que pode ser considerado sucinto, apresentou 6 (seis) referências ao signo *Deus*. Esse signo aparece duas vezes logo após a saudação inicial, nas primeiras linhas do discurso, revestido de uma valoração de agradecimento, que serve para apresentar a vida de JB-19 enquanto obra de um milagre. A terceira apropriação ocorre dois parágrafos depois, também tendo a tonalidade de agradecimento pela vida, mas traz um aspecto novo, a saber, a missão de governar o Brasil. A quarta apropriação ocorre no parágrafo que apresenta o slogan da campanha “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. A quinta referência aparece no final do discurso, quando JB-19 se apresenta como aquele que pede a bênção de Deus para trabalhar pelo Brasil. A sexta e última ocorrência se materializa na repetição do slogan da campanha, que encerra o discurso.

Essas apropriações do signo *Deus* ocorrem revestidas de valorações, intenções, instaurando embates de sentidos na construção do discurso de posse. Especificamente, revelam, antes de tudo, movimentos de tentativa de imposição de uma perspectiva político-ideológica por parte de JB-19. É, portanto, uma perspectiva centralizadora diante da diversidade de crenças, opiniões, valores, existências, já que apresenta um valor impositivo sobre “todos” os outros, ou seja, é uma apropriação que visa a homogeneização.

Já no discurso de Lula-03, *Deus* não ocupa mais do que o lugar de uma fórmula de agradecimento. Por outro lado, no discurso de Lula-07, o signo *Deus* já aparece como uma forte posição valorada, uma guinada em direção à predominância da visão religiosa de mundo judaico-cristã, que originará, inclusive, uma lei específica. Havia, nesse contexto, a necessidade de ampliação do apoio popular e a comunidade cristã, especialmente a evangélica, era um dos focos dessa base de apoio o que convergia para a necessária apropriação do signo. No entanto, a própria preocupação em enunciar que irá governar para todos “*sem distinção de credo religioso*” marca a diferença entre o *Deus* de JB-19 e o signo apropriado por Lula-07, pois aqui a própria reiteração do signo causa um incômodo ideológico, que provoca a materialização da ressalva lulista, influenciada por uma base de eleitores que constituem outras cosmovisões religiosas.

No discurso de posse de Lula-23, *Deus* é apropriado por outra perspectiva ideológica, cuja tônica axiológica é a valorização da diversidade (a alma do brasileiro). Nessa cosmovisão, acentua-se a valorização da diversidade de credo. Como pontua Bakhtin (2011c, p. 291), “quando escolhemos as palavras, partimos do conjunto do projeto do enunciado, e esse conjunto que projetamos e criamos é sempre expressivo e é ele que irradia a sua expressão [...] a cada palavra que escolhemos”. Ao escolher o signo *Deus* como protetor do projeto de diversidade, Lula-23 reafirma sua posição em contrário ao que chama de “projeto autoritário”. Em última instância, o signo *Deus* em Lula-23 se projeta como uma imagem antagônica ao signo *Deus* em JB-19.

Em suma, numa perspectiva dialógica, portanto, um signo é sempre uma realidade ideológica concreta e valorada, que surge sempre como resposta a outros signos, instaurando cosmovisões. Assim, neste estudo, as análises das referências ao signo ideológico *Deus* nos discursos de posse dos presidentes nos permitiram revelar diferentes valorações a partir de cada apropriação discursiva. Desse modo, foi possível constatar que: (i) o sentido do signo *Deus* em cada um dos discursos se diferencia em decorrência do contexto que o instaura; (ii) a presença desse signo em cada discurso de posse analisado dialoga de forma polêmica com outras cosmovisões religiosas; (iii) as apropriações desse signo pelo campo político instauram relações dialógicas conflituosas, seja pela tentativa de imposição do signo *Deus*, seja pela construção da imagem de um Deus benevolente e democrático.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a. p. 3-186.

BAKHTIN, M. M. O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011b. p. 307-336.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011c. p. 261-307.

BAKHTIN, M. M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011d. p.393-410.

BAKHTIN, M. M. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011e. p. 367-392.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro & João Editores, [1920-24] 2010.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05.10.1988. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao. Acesso em: 10 ago. 2024.

CARVALHO, F. F.; PAIVA, B. A. de O. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos: uma análise do discurso de posse do presidente Bolsonaro. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 53, n. 1, p. 215-235, jan.-abr., 2022. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i1.1614>. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1614>. Acesso em: 10 ago. 2024.

COSTA, V. C. **A palavra Brasil em discursos de posse presidencial na Nova República: panorama sociocognitivo**. 2015. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São João Del-Rei, Departamento de Letras, 2015.

CRUZ, J. D. **Ideologia, história e relações discursivas: uma análise do discurso de posse presidencial de Jair Bolsonaro**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2016.

MIOTELLO, V. In: ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes; DIAS, Israel Rocha. Entrevista com o professor Valdemir Miotello sobre Bakhtin e as perspectivas para as pesquisas na área da educação. **Textura – Revista de Educação e Letras**, v. 21 n. 46, abr./jun. 2019, p. 219-228. DOI: <https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-21-46-4812>. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4812>. Acesso em: 10 ago. 2024.

OTTO, R. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal\EST, 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUSA, A. F. A. de. **Ethé de credibilidade e de identificação em discursos de posse presidencial no Brasil**. 2021. Dissertação – Curso de Mestrado em Estudos da linguagem (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro), Redenção, 2021.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

DISCURSOS DE POSSE PRESIDENCIAIS

BRASIL. Presidência da República. Biblioteca. Conteúdo presidencial digital: Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional Brasília – DF, 01 de janeiro de 2003. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/discursos-de-posse/discorso-de-posse-1o-mandato/view>. Acesso em: 02 ago. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Biblioteca. Conteúdo presidencial digital: Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse Palácio do Planalto, 1º de janeiro de 2007. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/discursos-de-posse/discorso-de-posse-2o-mandato/view>. Acesso em: 02 ago. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Biblioteca. Conteúdo presidencial digital: Discurso do presidente Lula no Congresso Nacional. Íntegra do discurso lido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Congresso Nacional, 1º de janeiro de 2007. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023>. Acesso em: 02 ago. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Biblioteca. Conteúdo presidencial digital: Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional, 1º de janeiro de 2019. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Artigo recebido em: 07/06/2024
Artigo aprovado em: 21/08/2024
Artigo publicado em: 10/10/2024

COMO CITAR

SILVA, E. C. da.; NASCIMENTO, I. A. A. Apropriação do signo Deus em discursos de posse presidenciais. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-18, e02431, 2024.